

Memória afetiva dos jardins**Sílvia Maria AZEVEDO***

Escritos entre 1918 e 1928, os artigos que integram a coletânea *Retalhos de jornais velhos*, dentre os quais se inclui “Jardins para os trópicos” (1923), que dialoga com o dossiê “Paisagem & jardim como patrimônio cultural”, foram publicados originalmente em jornais do Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Reunidos em livro, a primeira edição saiu pela Casa Mozart, do Recife, em 1934, a segunda, pela José Olympio, do Rio de Janeiro, em 1964.¹

Passados trinta anos, Gilberto Freyre avalia, no prefácio da segunda edição dos *Retalhos*, que vários desses “escritos da adolescência” não envelheceram enquanto “expressão do meu sentir ou do meu pensar”, pois que referentes a uma fase da carreira do sociólogo fortemente marcada, como ele próprio confessa, pelo pensamento de Herbert Spencer. Sob a orientação de Spencer, o então jovem Gilberto Freyre foi alertado para a importância de o antropólogo social informar-se “sobre o meio que hoje chamaríamos ‘cultural’, como a flora e a fauna, na medida em que afetam a vida humana.”

A inclusão do meio ambiente como expressão de cultura explica o interesse de Freyre pelo tema do jardim. Para o sociólogo pernambucano, ao invés de o Brasil imitar os jardins suíços, franceses e ingleses, que obedecem a um rígido geometrismo, a obrigar “as flores e as plantas a atitudes de soldados em dia de parada”, era a “lição portuguesa”, com seus “efeitos de espontaneidade”, a beleza “no meio-selvagem das plantas” que deveria ter sido preservada.

A defesa dos jardins à portuguesa se estende ainda à preservação das árvores - sapatizeiros, palmeiras e jaqueiras -, impiedosamente cortadas para dar lugar a canteiros simétricos e ridículos. Além de belas, as árvores garantem a necessária sombra contra a inclemência do sol dos trópicos, um “sol tirânico”, muito diferente do sol na Suíça, um “sol efeminado, quer dizer, parecido à Lua.” A mania de parecer chique, segundo Freyre, tem banido igualmente dos jardins brasileiros flores de nomes saborosos, “nomes que pedem poemas” – brinco-de-princesa, resedá, cinco-chagas, flor-de-viúva – a dar lugar a plantas estrangeiras.

Como se vê, identifica-se nesse escrito da juventude de Gilberto Freyre, a valorização do jardim enquanto espaço de memória, a sinalizar a maneira como a sociedade se relaciona com a natureza e expressa seus padrões estéticos e valores simbólicos.

* Professora Adjunta do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-graduação em Letras – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis. Email: silrey@uol.com.br

¹ O artigo “Jardins para os trópicos” foi extraído desta edição.